

PROJETOS DE APRENDIZAGEM, PORTFÓLIO E TUTORIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS(AS)

Data de aceite: 01/09/2023

Maria Auricélia Gadelha Reges

Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da UECE/FAFIDAM. Membro do Grupo de Pesquisa Matemática e Ensino. MAES/PPGE/UECE.

Paula Pereira Scherre

Doutora em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da UECE/FAFIDAM. Coordenadora do Grupo de Estudos Transdisciplinares. Coordenadora do Projeto de Extensão Encontros (Trans) formativos de Educadores: Celebrando a Vida!. Facilitadora em Biodança pela Escola de Biodança do Ceará.

INTRODUÇÃO

Como professoras de um curso de graduação de formação de pedagogos(as), nos sentimos convidadas e impelidas a sempre estar em contínuo estudo, reflexão e transformação de nossas práticas pedagógicas. Nesse percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, não caminhamos sozinhas. Caminhamos

junto com colegas de profissão, com estudantes, com funcionários(as) da universidade, com pessoas/instituições da comunidade e também caminhamos ao lado de autores(as) que nos auxiliam na fundamentação dessas reconfigurações, como evidenciaremos na parte deste artigo destinada às inspirações teóricas. Vale ressaltar que, para além de estudos teóricos, buscamos colocar em prática aquilo que estudamos e que faz sentido em nosso ser e fazer docentes.

Sendo assim, neste artigo, temos o objetivo de, por meio de um relato de experiência, fundamentado e refletido, apresentar as práticas formativas que estamos desenvolvendo a partir dos projetos de aprendizagem (PAs), acompanhados por meio da elaboração de Portfólios pelos(as) estudantes e da realização de tutorias (mediação pedagógica do professor e do estudante-monitor, quando é o caso) ao longo da formação inicial de pedagogos(as).

A primeira parte dessas reflexões e aprendizagens foram apresentadas em

um outro artigo escrito a várias mãos (SCHERRE *et al.*, 2021), pois essas são práticas interdisciplinares coletivas que iniciamos em 2019.

Neste texto, nós duas decidimos relatar a continuidade da construção desse caminho, já que seguimos aprendendo, refletindo, modificando e avançando rumo à vivência da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, pois o caminho só se faz ao caminhar, conforme nos inspira o poeta espanhol Antonio Machado. Temos consciência de que há muitas limitações e que existe a necessidade de mudanças mais estruturais na própria Universidade e nos projetos pedagógicos de curso (PPC) para que esta indissociabilidade possa ainda ser potencializada e fortalecida. Aqui, refletiremos e mostraremos mais um pouco do nosso movimento. Esperamos que esta partilha possa inspirar outras reconfigurações de práticas pedagógicas nos diferentes contextos educativos formais e não formais.

INSPIRAÇÕES TEÓRICAS PARA A RECONFIGURAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Esse caminhar não deve ser solitário, como nos diz José Pacheco (2019), mas sim um projeto coletivo. É importante fundamentar o que fazemos e, para além disso, transformar essas elaborações em novas ações. Sendo assim, há alguns desses referenciais que vamos aqui, trazer para o diálogo. Não pretendemos que sejam exaustivos, mas são algumas inspirações que estão no alicerce das práticas realizadas. A ordem apresentada é meramente didática, eles são interdependentes e não há hierarquia.

De acordo com Freire (2011, p. 28), uma das tarefas primordiais [do educador] é trabalhar com os educandos a “rigoriedade metódica com que devem se ‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis”. Esse mesmo autor afirma que “Pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (FREIRE, 2011, p. 31).

A pesquisa e a extensão como princípios educativos e a autoria são fundantes. Aceitamos os convites de Pedro Demo (2006, 2022) ao nos instigar a vincular os processos de aprendizagem a autoria/criação, investigação e envolvimento/protagonismo dos(as) estudantes, a partir de suas perguntas, inquietações, motivações e necessidades. Tudo pode ser passível de reflexão, de pesquisa e aprendizagem conjunta com outras pessoas e instituições que estão fora dos muros da Universidade. Não devemos ficar presos entre quatro paredes da sala de aula e, muito menos, na própria aula, com sua estrutura básica e tradicional na qual o professor é o detentor do conhecimento a ser transmitido/repassado e o estudante está ali só para decorar e reproduzir em uma prova.

Já há bastante tempo, Paulo Freire e Antonio Faundez (1985, p. 26) nos instigam a abrir tempos e espaços para as perguntas, para a curiosidade dos(as) estudantes, a “ir criando com os alunos o hábito, como virtude, de perguntar, de ‘espantar-se’”. Além disso, nos convidam a vincular essas perguntas a ações concretas, a transformar respostas em

práticas cotidianas e profissionais. Desse movimento, gerar novas perguntas, novas ações, novas práticas, sempre no diálogo e na interação com a comunidade, com as necessidades e realidades sociais, experimentando a relação dinâmica entre palavra-ação-reflexão, onde “agir, falar, conhecer estariam juntos” (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 26).

Prosseguindo em nossas inspirações, temos o Guia de Curricularização da Extensão da Universidade Estadual do Ceará (UECE, 2021), que tem suas bases na Política Nacional de Extensão Universitária, que orienta os novos projetos pedagógicos dos cursos (PPC) que passaram por reformulação nos anos de 2021 e 2022 e estão em implementação em 2023. A partir desse documento, intensificamos nossos estudos sobre essa temática e começamos a convidar os(as) estudantes para vivenciarem a institucionalização da extensão universitária, já como parte dos componentes curriculares existentes, mesmo antes da implementação no novo PPC. Claro que ainda temos a limitação temporal (duração de um semestre letivo) e de serem ainda atividades pontuais vinculadas a alguns componentes curriculares (longe do ideal).

A extensão universitária, entendida como comunicação (FREIRE, 1983), é muito mais ampla do que uma atividade pontual. Ela deve envolver variadas áreas de conhecimento, tendo como origem as perguntas e os projetos elaborados pelo(a) estudante e pela comunidade, que entram em interação dialógica e em uma construção conjunta. A extensão universitária precisa estar presente e com continuidade ao longo da formação dos(as) estudantes, ser processual e orgânica, entre outras características, conforme comentaremos a seguir. Estamos em processo.

Desse guia (UECE, 2021, p. 22), já mencionado, ressaltamos que é essencial o protagonismo estudantil, sua autoria, ação, reflexão e criação, ou seja, serem “sujeitos ativos, promotores, organizadores, ministrantes; portanto, protagonistas, e não meros participantes, ouvintes das ações realizadas”, tendo o professor o papel de coordenador, de mediador das atividades. Além disso, existe a necessidade de envolvimento da comunidade externa, com interação dialógica e com conhecimentos construídos na, com e para a comunidade, embebida do interdisciplinar, do interprofissional, do intergeracional, do interexperencial e do intersetorial (UFPR LITORAL, 2008). Destacamos ainda as cinco diretrizes bases da extensão universitária, que também temos a intenção de que sejam princípios dos PAs, a saber:

- a. formação educativa, interdisciplinar, cultural, científica e tecnológica, proporcionando desenvolvimento profissional integral, em consonância com as demandas da sociedade.
- b. articulação ao ensino e à pesquisa de forma indissociável, assegurando a dimensão acadêmica da extensão na formação do corpo discente.
- c. viabilização de relações transformadoras entre a Universidade e outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento.
- d. promoção de impacto na formação do estudante e na comunidade externa

à UECE.

e. diálogo dos saberes populares com os conhecimentos científicos, por meio de ações acadêmicas que articulem a Universidade com os modos de vida das comunidades (UECE, 2021, p. 11-12).

Os PAs, os roteiros de estudos, o Portfólio e as tutorias são todos dispositivos pedagógicos que dão vazão a infinitas possibilidades de construção de conhecimento e de aprendizagens significativas pelos estudantes na interação dialógica com a comunidade, que comentamos anteriormente, integrando a pesquisa e a extensão e, por consequência, o ensino. Este não é um tipo de ensino somente realizado pelo(a) professor(a), mas um ensino realizado por diferentes pessoas que se relacionam por meio do PA desenvolvido, inclusive o(a) próprio(a) estudante e o(a) professor(a).

Em entrevista, o autor José Pacheco (2020) define a metodologia de trabalho de projetos e a tutoria, como sendo:

[A metodologia de trabalho de projeto] existe desde 1905. [...] é uma construção social, uma forma de aprendizagem em que o suposto educando com o suposto educador, na figura do tutor, [...] no trabalho individualizado, ou no trabalho na relação, ele constrói os projetos com os alunos e não para os alunos. O professor não deve preparar projetos, deve construir com os alunos. Dentro desses projetos, ele [o aluno] vai construir roteiros de estudo. A partir daí, em um processo de pesquisa, o suposto aprendiz vai ter necessidade de uma mediação pedagógica em que o professor-tutor vai “ensinar” [...] a desenvolver processos complexos de pensamento, pensar sobre o pensar, vai ajudá-lo a selecionar a informação, [...] a analisar essa informação, a criticar a informação [...], a procurar outra informação e comparar com a anterior, a avaliar as informações, a sintetizar as informações [...] e a comunicar. [...] a avaliação é um ato de partilha, de socializar. Então, a metodologia de trabalho de projeto sintetiza os cinco princípios gerais da aprendizagem, que são: que a aprendizagem seja significativa, que faça sentido, que seja integradora, diversificada, ativa e socializada. [...] Não [o projeto de] um tema, mas projetos com necessidades específicas (PACHECO, 2020, *vídeo*).

Em outra entrevista, Pacheco (2015, *vídeo*) complementa que dentro da escola deve ser desenvolvida a capacidade de fazer perguntas e o professor deve deixar de dar respostas e estimular que os(as) estudantes aprendam a perguntar. Ele convida os(as) professores(as) a saber dos(as) estudantes para iniciar um projeto: O que você quer? O que você quer aprender? O que você quer saber? Qual é o teu objetivo? A resposta a essas perguntas não deve se reduzir a um tema específico, pontual, por exemplo, raiz quadrada ou tubarões, mas a uma necessidade concreta, de um desejo, de um sonho, de um problema da realidade, do cotidiano.

A partir do projeto, o(a) estudante lança mão do roteiro de estudos e, então, ocorre a necessidade de pesquisar acompanhado pelo mediador (professor-tutor), desenvolvendo os processos complexos do pensamento, anteriormente mencionados. Assim, passa da informação para a construção do conhecimento para, em seguida, transformar em ação,

dando uma utilidade a esse conhecimento construído. Pacheco destaca que a metodologia de trabalho de projetos pressupõe uma avaliação formativa, contínua e sistemática que pode ser registrada e acompanhada por meio de um Portfólio digital ou em outro suporte. (PACHECO, 2015, *vídeo*)

Os PAs podem ser coletivos na medida em que pessoas diferentes podem ter perguntas parecidas e podem se juntar para refletirem e pesquisarem juntos, na ação-reflexão-ação, mencionando Paulo Freire. Pacheco (2015, *vídeo*) finaliza ao destacar que onde há projetos não há aula e quem dá aula não desenvolve projetos e que “na aula, há respostas para perguntas que nunca foram feitas.”

Outra dimensão que nos é bastante cara refere-se à proposta da Ivani Fazenda (1994) sobre a interdisciplinaridade, ao compreendê-la não somente como mera junção de disciplinas, e sim como atitudes interdisciplinares do sujeito (seja ele(a) estudante, professor(a), profissional etc), nos convidando a habitar a interdisciplinaridade, trazendo-a para o nosso ser, para os nossos atos. A autora destaca atitudes como humildade, espera, abertura, diálogo, reciprocidade, envolvimento, comprometimento, responsabilidade, cooperação, entre outras, para que, de fato, a interdisciplinaridade aconteça.

Apesar de as autoras, deste artigo, terem fundamentações e propostas convergentes, cada uma de nós conduziu a realização dos PAs de maneiras diferentes, tanto pela familiaridade com os dispositivos pedagógicos em si quanto pelos *feedbacks* das turmas quanto a esta proposta “um tanto inusitada e estranha”. Sendo assim, nesta parte do texto, cada uma tecerá seu relato a partir de suas experiências vividas. Cabe ressaltar que, mesmo com caminhar, de certa forma, distintos, nós duas e outros(as) professores(as) continuamos nos encontrando *online* semanalmente, durante 1h30, para dialogarmos, estudarmos, partilharmos experiências e inquietações, além de planejarmos atividades conjuntamente.

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELAS TURMAS NO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO E TICS

Eu, Paula, tive contato diretamente com esses dispositivos pedagógicos supracitados em um curso livre intitulado “Aprender em Comunidade”, que participei em maio/junho de 2020. Desde então, incluí em minha prática docente, além das aulas e atividades conjuntas, a mediação pedagógica de PAs elaborados pelos(as) estudantes a partir de suas perguntas e temáticas de interesse, com pesquisa, que, de alguma forma, abordassem a Educação e Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), sendo este o nome do componente curricular obrigatório do curso que, semestralmente, eu leciono.

Em meu entendimento e prática, conceber as TICs no contexto educacional requer que elas estejam em contínua interação com outras áreas de conhecimento e com os mais diferentes contextos formativos, como, por exemplo, a Educação Infantil, o Ensino

Fundamental, os Ensinos (Português, Artes, Ciências etc), a Educação de Jovens e Adultos, a Gestão Escolar e educacional, a Educação Inclusiva, o Ensino Remoto Emergencial etc.

Realizar PAs que envolvem as TICs exigem, minimamente, que a interdisciplinaridade faça parte das pesquisas e práticas desenvolvidas. Nesse sentido, a depender dos demais componentes curriculares que os(as) estudantes estivessem cursando, era feito um diálogo com os professores(as), que tinham abertura para a proposta, para que o PA pudesse ser considerado nos componentes curriculares que estavam sendo cursados naquele semestre. Também era estimulado que os(as) estudantes utilizassem os conhecimentos construídos previamente em outros componentes curriculares já cursados bem como, outros conhecimentos construídos fora do contexto universitário. Para o desenvolvimento de um PA, por vezes, outros assuntos e áreas de conhecimento, ainda não estudados pelos(as) educandos(as), também poderiam ser requeridos. Sendo assim, eles precisam ampliar suas pesquisas perpassando por aquelas informações que não haviam sido anteriormente exploradas.

No início de cada semestre, junto com estudos mais teóricos a respeito de PAs, extensão e pesquisa como princípios educativos e interdisciplinaridade, íamos refinando as perguntas principal e secundárias, encontrando as possibilidades de trabalho em grupo a partir das perguntas escolhidas pelos(as) estudantes. Utilizei também o ambiente virtual de aprendizagem, *Google Sala de Aula*, que, além de conter uma biblioteca *online* com diversos materiais e fontes de consulta, incluía um Portfólio, via *Google Documentos*, para que cada grupo fosse registrando suas perguntas, o tema definido, a metodologia desenvolvida, as “respostas” em produção textual (que, além de texto, poderiam ter imagens, fotos, esquemas, vídeos etc), as citações e as referências completas das obras consultadas para a pesquisa bibliográfica e o que mais fosse necessário para desenvolvimento do PA.

Por meio deste dispositivo pedagógico Portfólio, cada estudante e cada grupo pôde escrever e reescrever, fazer e refazer, criar e recriar, ao longo de todo o processo de construção do PA. Cada retorno dado pela professora e pelo(a) estudante-monitor(a) ia para além da indicação do que está errado e da atribuição de uma nota. Assim, se propôs possibilitar a aprendizagem por meio dos erros e dos acertos e de um processo em espiral para continuar construindo e aprendendo.

Por meio dos Portfólios e das tutorias semanais, a avaliação formativa, processual e sistemática podia ser realizada, contendo, ainda, a autoavaliação e a tomada de consciência dos(as) estudantes a respeito de seus processos de estudo, de aprendizagem, de envolvimento e desenvolvimento pessoal e profissional. Cabe ressaltar que, em minha experiência, para esse tipo de acompanhamento, dentro desta estrutura disciplinar que faz parte do PPC, turmas com 15 a 20 estudantes permitem uma mediação pedagógica mais qualificada. Em nossa realidade, há turmas que podem chegar até 40 estudantes.

Ao longo dos semestres, as experiências vividas geraram diferentes movimentos dos(as) estudantes: algumas perguntas e temas suscitaram pesquisas mais bibliográficas;

outras originaram pesquisas de campo, com a realização de entrevistas; em outras, houve o planejamento de aulas e/ou oficinas; em um dos PAs, houve o desenvolvimento de PAs com adolescentes da comunidade onde a estudante residia; outro deu origem ao desenvolvimento de materiais didáticos, como, por exemplo, criação de livro com história e música/poesia envolvendo o Campo Florestal do município e a farmácia viva lá presente.

Com os(as) estudantes, os encontros semanais têm duração de 2h30. A maioria dos encontros é composta por duas partes. Na primeira parte, de 1h a 1h30, eu iniciava com uma breve meditação para chegarmos e, depois, abordava um tema específico que abarca a ementa do componente curricular, com material de estudo definido por mim e disponibilizado no *Google Sala de Aula*, de forma mais expositiva e dialogada que, de preferência, contemplava, em alguma medida, os PAs desenvolvidos. Neste primeiro momento, o diálogo e a interação também podem ser feitos com a participação de uma pessoa/profissional convidado(a), como por exemplo, professora da Educação Básica, funcionária do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAAI) da universidade, bibliotecário etc.

A segunda parte, de 1h a 1h30, é destinada a tutoria dos PAs realizada por mim e pelo(a) estudante-monitor(a). Ao longo das semanas, também fazíamos a leitura dos Portfólios para acompanhamento da escrita e da sistematização das pesquisas e das atividades realizadas pelos(as) educandos. Os PAs também foram compartilhados, no final do semestre, em data e horário a serem definidos de acordo com os(as) professores(as) dos componentes curriculares envolvidos. Também, ao final do semestre, foi realizada autoavaliação final pelos(as) estudantes, por meio de um formulário *online*, para que eles(as) pudessem se avaliar refletindo sobre o percurso realizado e também avaliar o próprio componente curricular.

Inspirada pelo movimento de institucionalização da extensão universitária, cada vez mais, tenho incentivado que os(as) estudantes envolvam seus PAs com pessoas e instituições externas à universidade, que podem ser dos seus próprios municípios de residência. Muitos(as) estudantes residem em municípios próximos ao local onde está o *campus* da universidade. Deste modo, a formação de professores pode se tornar mais significativa, autoral e participativa e, de alguma maneira, mesmo que inicial, envolver e influenciar a comunidade e ser influenciada por ela. Ainda temos um longo caminho a percorrer na ampliação da interação dialógica e efetiva participação da comunidade nos PAs.

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELAS TURMAS NO COMPONENTE CURRICULAR DIDÁTICA GERAL

Como professora de Didática, eu, Auricélia, sempre senti necessidade de trabalhar discutindo com meus pares sobre os processos de aprender e ensinar, especialmente a

partir dos temas planejamento, metodologias de ensino e avaliação. Além disso, em minha prática pedagógica, já buscava, nos primeiros encontros com as turmas, escutá-los sobre suas experiências de formação e suas necessidades, para fazer adaptações ao programa da disciplina a ser ministrada. A partir do ano de 2020, passei a ser membro do Grupo de Estudos Transdisciplinares (GEST), coordenado pela Paula. Sendo assim, fui provocada também a conhecer mais sobre os PAs. Desde 2021, iniciei o trabalho com este dispositivo pedagógico.

Neste artigo, trago a experiência vivida no semestre 2022.2, quando ministrei a disciplina de Didática para uma turma bem pequena, com apenas cinco estudantes mulheres. Nos primeiros encontros, fizemos a escuta das estudantes sobre o que consideraram positivo na sua formação escolar e acadêmica e quais as lacunas que precisavam ser preenchidas, buscando motivação para criarem temas de pesquisa. A partir das falas delas, buscamos articular os seus interesses/necessidades com o que é sugerido trabalhar na Ementa da disciplina. Surgiram os seguintes temas: Avaliação, Relação Professor-Aluno e Gestão do tempo em sala de aula.

A partir destes temas, provocamos as estudantes a pensarem quais questões gostariam de responder sobre os temas escolhidos, para isso elaborando a “pergunta de partida” do processo investigativo. Cada dupla/estudante procurou fontes de informação para fundamentar teoricamente seus estudos, realizou as leituras/fichamentos e produziu conhecimentos, fazendo registros no *Google Documentos*, de forma a possibilitar o acompanhamento realizado pela professora. Este acompanhamento ocorreu a partir da produção textual das estudantes e da mediação feita pelas professoras nos momentos de tutoria, que ocorreram semanalmente.

As leituras, as discussões proporcionadas pela tutoria e a proposta da professora para desenvolverem o planejamento de uma experiência pedagógica levaram as estudantes a redefinirem seus projetos, retomando os objetivos, ampliando a pesquisa para outros espaços e pessoas, e modificando a metodologia. Desse modo, a estudante que havia escolhido o tema Avaliação, optou por trabalhar com um aluno que estava sendo assistido por ela, em uma escola pública, objetivando alfabetizá-lo e avaliar o processo. A dupla que escolheu o tema Relação Professor-aluno desenvolveu uma pesquisa com universitários que já haviam concluído a disciplina de Estágio Supervisionado e estavam finalizando o curso para apresentarem suas percepções sobre essa relação. E a dupla que inicialmente trabalhou com a Gestão do tempo em sala de aula, modificou a temática ao longo do percurso e explorou este aspecto a partir de um Planejamento de uma aula de campo, utilizando-se também da literatura infantil.

A cada semana, as estudantes ampliaram suas leituras, reescreveram as suas produções e a professora acompanhou o processo, estimulando, questionando, sugerindo outras fontes, como também, identificando as dificuldades e buscando formas para possibilitar a superação destas. Todo esse processo de construção de conhecimentos

ampliou o repertório de saberes tanto das estudantes como da professora, que também observa como as estudantes vão aperfeiçoando as formas de buscar os dados, analisá-los e registrá-los.

Ao se aproximar o final do semestre letivo, houve a necessidade de finalizar os projetos que, a esta altura, passaram a ser intitulados: 1. Alfabetização: desafios da retomada escolar pós-pandemia; 2. Professores em formação: como veem a importância da relação professor-aluno no contexto de ensino-aprendizagem e 3. Ação docente interdisciplinar: conhecendo a natureza a partir da diversidade do Campo Florestal e passou-se ao momento de socialização. Conforme já explicitado na metodologia de trabalho por projetos, a avaliação ocorreu de forma contínua, analisando-se o que estava sendo desenvolvido, identificando-se os avanços, as lacunas, criando sugestões para superação dos problemas que iam surgindo.

A respeito dos resultados apresentados, destacam-se: a compreensão de que tornar-se professor exige muito mais que apropriação de saberes científicos, curriculares, disciplinares e experienciais, exige compromisso com a sociedade que se deseja construir; a importância do investimento de tempo para o processo de planejamento e avaliação da ação docente; o reconhecimento da importância de se discutir sobre a relação educador-educando na formação de professores, bem como, a dificuldade de se trabalhar de forma interdisciplinar, diante de um currículo fragmentado em áreas de conhecimento.

Como se pode observar o que inicialmente era apenas uma temática que se desejava conhecer/aprofundar passou a ser explorada por meio de um processo de investigação que adquiriu sentido para as estudantes, ampliando sua capacidade de compreender a realidade e de perceber a necessidade de produzir/socializar o conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROVISÓRIAS PARA CONTINUAR A CAMINHADA

Diante de uma vida escolar baseada no protagonismo do(a) professor(a), que está em atividade o tempo todo, deixando aos(às) estudantes um papel passivo, ocorre um estranhamento nos(as) universitários(as) quando se propõe pensar o que ele(a)s desejam conhecer ou aprofundar na sua formação acadêmica. Mais ainda quando se abre a possibilidade de trabalhar em conjunto, dialogando com outros componentes curriculares e com outros(as) professores(a)s, educando(a)s e integrantes da comunidade, numa construção de conhecimentos que contemple as várias áreas do conhecimento, a partir das perguntas e interesses decorrentes da interação dialógica entre os(as) envolvidos(as).

Em cada semestre, nos deparamos com novas percepções, ações e reações dos(as) estudantes o que torna cada experiência única, particular, em relação às outras, com possibilidades e dificuldades bem específicas a partir do grupo de estudantes. Em geral, as dificuldades manifestadas pelos(as) estudantes se iniciam na escolha do tema

e se aprofunda na elaboração de perguntas sobre o que desejam conhecer a respeito do assunto. O papel do(a) professor(a) é desafiar o(a) estudante a pensar, estimular sua curiosidade, incentivá-lo a aprofundar suas leituras para assumir um compromisso com a sua própria (auto)formação, se envolvendo com ela, fazendo conscientemente suas escolhas, sendo autor(a), acreditando em seu potencial criador e criativo e também se organizando para o estudo efetivo ao longo do processo e não deixar somente para o final.

Para nós, docentes, ainda é um desafio lidar com as dificuldades de organização do pensamento e, conseqüentemente, de escrita do(a)s estudantes, com a sua resistência às leituras, à pesquisa e à escrita e conscientizar o(a)s estudantes de que eles estão em processo de formação profissional e humana para atuarem como educadores(as).

Outro grande desafio é a descontinuidade do trabalho pedagógico, devido ao não acompanhamento daquela turma ao longo dos semestres. Via de regra, se trabalha com “disciplinas” que estão na matriz curricular do PPC. Infelizmente, ainda são poucos os profissionais que se arriscam em desenvolver uma prática pedagógica tendo os(as) estudantes como protagonistas e autores(as). Além disso, há alunos(as) que resistem a esse tipo de formação, que exige muito mais empenho deles(as) nos seus estudos.

Desafio também é ampliar e fortalecer o vínculo e o envolvimento com a comunidade e poder contribuir com o seu desenvolvimento, e ela poder fazer o mesmo para com a Universidade e com os(as) pedagogos(as) em formação, além de construirmos conhecimento compartilhado e com significado e sentido para todos(as) os(as) envolvidos(as). Por enquanto, infelizmente, essa relação com a comunidade é ainda pontual e descontínua. Dessa maneira, vamos refletindo, estudando e transformando nosso jeito de caminhar. A questão dos diferentes tempos presentes (tempo de envolvimento dos(as) estudantes, tempo da comunidade, tempo de cada encontro e tempo letivo) precisam ser refletidos e transformados para que a interação dialógica, a construção conjunta de conhecimentos, a transformação social, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão possam ocorrer com mais inteireza.

Nesse sentido, nos trabalhos com os PAs avalia-se não somente a qualidade do produto (produção escrita), mas outros critérios são levados em consideração, a saber: assiduidade e pontualidade; participação e envolvimento com as atividades; cumprimento de prazos e o compromisso com o grupo. Outro instrumento utilizado é a autoavaliação sobre o processo vivido, tanto por parte dos(as) estudantes, como por parte dos(as) docentes.

Nós duas fomos dialogando e enfatizando, ao longo dos semestres, sobre a necessidade de os(as) estudantes não desenvolverem apenas pesquisas bibliográficas (todos os PAs passam pela pesquisa bibliográfica em fontes confiáveis de informação), mas que tivessem uma dimensão prática, envolvendo alguma experiência pedagógica como, por exemplo, oficinas, aulas, materiais didáticos, projetos de aprendizagem, pesquisas de campo. Claro que essa dimensão prática pode ter muitos outros formatos e propósitos de

acordo com as necessidades que emergirem na interação dialógica com a comunidade.

Sobre as aprendizagens os(as) estudantes destacam a ampliação da compreensão de como podem desenvolver práticas interdisciplinares, como as diferentes áreas de conhecimento podem contribuir para solucionar um problema/questão; ressaltaram a importância de se trabalhar a relação professor-aluno dentro e fora da sala de aula, visto que esta propicia além do protagonismo estudantil, uma reestruturação na prática educativa, levando o(a) professor(a) a criar e recriá-la para atender as necessidades dos(as) discentes, proporcionando uma aprendizagem mais significativa; relataram que as experiências vividas por ocasião dos PAs abrem novos horizontes sobre a ação docente e oportunizaram estabelecer relações com outros sujeitos para além do espaço da universidade.

Finalizamos esta partilha fazendo um convite para você – para os próximos encontros com os(as) estudantes - Que tal iniciar com as seguintes perguntas: O que você quer? O que você quer aprender? O que você quer saber? Qual é o teu objetivo? Com quem de sua comunidade você pode desenvolver projetos em conjunto?

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006, 128p.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Extensão como princípios educativos na formação universitária**, 2022. Realização: Instituto de Educação e Direitos Humanos Paulo Freire e Universitas Paulo Freire (UniFreire). Organização: EaD Freiriana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BlmZuqAx2YI>. Acesso em: 6 set. 2022.

FAZENDA, Ivani. **Reflexões metodológicas sobre a tese**: Interdisciplinaridade - um projeto em parceria. In: FAZENDA, Ivani (Org.). Metodologia da Pesquisa Educacional. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1994. p. 145-174.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8a ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação: v. 15)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PACHECO, José. **Educando por Projetos** - Projeto Âncora. 2015. (6 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jyzBXuQJX1M>. Acesso em: 9 fev. 2023.

PACHECO, José. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação**. São Paulo: Vozes, 2019.

PACHECO, José. **A prática da metodologia de trabalho de projetos**. 2020. (2 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PHvKjYKC958>. Acesso em: 9 fev. 2023.

SCHERRE, Paula Pereira; MIRANDA, Marly Medeiros; REGES, Maria Auricélia Gadelha; BARBOSA, Gardenia Maria Oliveira; LIMA, Carlos Rochester Ferreira. Projetos interdisciplinares na formação inicial de pedagogos: experiências, desafios, aprendizagens e reflexões. In: Diana Nara da Silva Oliveira; Sílvia Elisabeth Moraes. (Orgs). **Cidadania planetária como significante flutuante**: articulando significados na Universidade e na Escola. 1ed. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2021, p. 67-80.

UECE. **Guia de Curricularização das Ações de Extensão dos Cursos de Graduação da Universidade Estadual do Ceará (UECE)**. Fortaleza: PROEX, 2021. Disponível em: <http://www.uece.br/proex/guia-de-curricularizacao-da-extensao-na-uece/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

UFPR LITORAL. **Projeto Político Pedagógico** – Universidade Federal do Paraná Setor Litoral, 2008. Disponível em: https://litoral.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL_Set-2008_Alteracao_Dez-2008.pdf. Acesso em: 9 fev. 2023.